

AS CONFIGURAÇÕES DO DIABO NA LITERATURA DE CORDEL: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Francisca Luana Rolim Abrantes (1); Francisco Lucas de Sousa Leonel (1); Prof^ª. Ma. Risonelha de Sousa Lins (4)

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) luana_abrantes@hotmail.com, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) lucasleoneldesousa@hotmail.com, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), risonelha@gmail.com

Resumo: Visto, conforme Nogueira (1986) como uma construção social e humanamente necessária para se educar contra a culpa pelo mal, a violência, a dor da alma e a infelicidade, o diabo faz parte do imaginário cultural dos povos do Ocidente e sua representação na literatura popular corresponde a um misto de tensões sociais com atributos histórico-religiosos a ele atribuídos. Deste modo, este artigo pretende mostrar as interações de leitura sobre a configuração do diabo e sua (des) construção em alguns folhetos de cordel, realizada no 9º ano, na escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio André Gadelha em prol tanto da verificação do imaginário místico-religioso quanto do rompimento com o seu caráter de potência do mal. A metodologia proposta para este trabalho corresponde a dez oficinas de leitura de cordéis, envolvendo o emprego das Múltiplas Linguagens na vivência dos conteúdos dos cordéis. Os questionamentos que motivaram esse trabalho foram: De que modo a literatura de cordel aborda a figura do diabo? Como o humor atua na desconstrução da esperteza e malignidade desse ser sobrenatural? Como as múltiplas linguagens podem auxiliar nas experiências sensíveis com o texto poético e promover a interação entre os saberes culturais e os conhecimentos advindos da leitura? Para isso, ancoramo-nos nos seguintes teóricos Bordini e Aguiar (1993), Nogueira (1986), Stanford (2003), Martins (2006), Pinheiro (2011), dentre outros. Essa experiência evidencia não só as possibilidades de resgate cultural nas práticas pedagógicas, como também a discussão dos modos de (re)ver, pensar e sentir as expressões coletivas localizadas.

Palavras-chaves: Cordel, Ensino, Letramento Literário, Formação Leitora.

Introdução

Chegando a enfatizar a ruptura com princípios morais e éticos ligados à conduta cristã, a figura mística do diabo toma parte no imaginário tanto da cultura oriental como ocidental. Na configuração estética literária, esse sujeito lírico ou ficcional assumiu diversas formas de representação, ora interagindo com os indivíduos como se fosse um ser humano, ora figurando como uma entidade maligna, invisível, capaz de arrebatá-la alma, como ocorre em “Grande Sertão Veredas”, de Guimarães Rosa. Em outras vezes como uma figura rebelde, irônica e até mesmo cômica, como em “A igreja do diabo”, de Machado de Assis. O fato é que, apesar das mudanças em seus modos de configuração, ele sempre representou a luta existente entre o bem e o mal, o inferior e o superior, o sagrado e o profano.

Para Nogueira (1986), o diabo foi criado, em todas as culturas, como um elemento necessário para eximir a culpa pelos males praticados pelos homens em suas relações sociais

e se constitui na expressão dos medos que controla os desejos e refreia os impulsos da natureza humana. Mas é inegável o quanto a figura do diabo ganha forças na literatura de cordel, uma vez que a recorrência desse personagem está ligada ao caráter da religiosidade quotidiana dos sertanejos e ao mesmo tempo à sua necessidade de brincar com as situações difíceis e as fraquezas humanas.

Apresentando uma leitura de caráter oral, feita geralmente para um grupo familiar, os cordéis apresentavam temas variados, inclusive os fatos mais corriqueiros como morte, tocaia, religiosidade, chuva e seca, que marcavam a vida sofrida dos moradores do sertão nordestino, porém o diabo, como força que se opõe ao divino, surge tanto como um sujeito ridicularizado, geralmente por uma mulher, quanto como apreciação daquilo que não se é capaz de explicar, tornando-se comum atribuir à figura do diabo toda a culpa pelas más ações, pelos desvios de caráter, pela violência, pela dor e pela infelicidade.

Talvez por esse caráter de malignidade, o diabo tenha figurado na literatura, principalmente em expressões cênicas, segundo Russel (2003) sob forma grotesca e animalizada, com chifres, rabo, asas, garras e surgindo em meio à fumaça. Essa imagem repleta de atributos negativos alimenta os sentimentos de repulsa, gravidade, força e feiúra. Curiosamente, essas associações demoníacas migram para os sujeitos rejeitados por seus atributos na convivência social, tais como a sogra, os assassinos e os políticos.

Entretanto, conforme Stanford (2003), os modos estéticos de figuração do demônio foram mudando ao longo do tempo, ganhando uma ênfase mais filosófica e política a partir do século XX, quando a temática do diabo passa a ser vista como uma compreensão das visões socioculturais do sujeito humano, filtrada pela sensibilidade do artista que imprime ao texto visual ou verbal uma visão mística da existência, o que nos leva a percebê-lo dentro de uma série de concepções culturais que orientam as concepções de bem, mal, certo ou errado, esperteza ou esforço.

Com base nas considerações até aqui feitas, decidimos realizar uma experiência de leitura de cordéis cuja temática esteja centrada na figura do diabo, no nono ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio André Gadelha, na cidade de Sousa-PB. Essa intervenção de ensino partiu dos seguintes questionamentos: De que modo a literatura de cordel aborda a figura do diabo? Como o humor atua na desconstrução da esperteza e malignidade desse ser sobrenatural? Como as múltiplas linguagens podem auxiliar nas experiências sensíveis com o texto poético e promover a interação entre os saberes culturais e os conhecimentos advindos da leitura? Deste modo este artigo pretende mostrar as interações de leitura sobre a configuração do diabo e sua (des) construção em alguns

folhetos de cordel, especificamente dos autores Leandro Gomes de Barros, José Pacheco e Maria Lensol, visando não somente a verificação do imaginário místico-religioso como também o rompimento com o seu caráter de potência do mal.

Metodologia

O presente trabalho faz parte de um estudo qualitativo, pautado na análise crítico-literária, desenvolvido com os alunos a partir dos cinco passos do Método Receptional, apresentado por Bordini e Aguiar (1993), cujo foco é o leitor e seus caminhos de desvendar os caminhos da leitura por meio das experiências de vida. Deste modo:

A obra literária é avaliada, a partir da teoria receptional, através da descrição de componentes internos e dos espaços vazios a serem preenchidos pelo leitor. Faz-se, então, o confronto entre o texto e suas diversas realizações na leitura e explicam-se estas recorrendo-se às expectativas dos diferentes leitores ou grupos de leitores em sociedades históricas definidas. A obra é tanto mais valiosa quanto mais emancipatória, ou seja, quanto mais propõe ao leitor desafios que as expectativas deste não previam. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 31).

De acordo com Bordini e Aguiar (1993), o uso efetivo do Método Receptional ajuda o aluno a interagir com as informações veiculadas pelo texto a partir de suas experiências de mundo, bem como impulsiona-o à compreensão e análise os textos lidos, fomentando a ampliação de conhecimentos a partir da investigação de outros textos que dialoguem de modo crítico com os textos-base. Esse Método compreende cinco etapas, que devem ser planejadas e desenvolvidas com bastante cuidado. A 1ª etapa: A determinação do horizonte de expectativas corresponde, basicamente, à investigação do grau de interesse dos alunos pelo temática do diabo. - 2ª etapa: O atendimento ao horizonte de expectativas relaciona-se às leituras de cordeis que satisfaçam as expectativas criadas pelos alunos a respeito do tema do diabo. - 3ª etapa: A ruptura do horizonte de expectativas corresponde a leitura de outros textos que apresentem visões diferenciadas desse sujeito místico. 4ª etapa: O questionamento do horizonte de expectativas refere-se à comparação e discussão sobre os modos de configuração apresentados pelos diversos textos estudados. 5ª etapa: Ampliação do horizonte de expectativas: expõe a ampliação de conhecimentos por meio do exercício crítico da leitura.

Os alunos discutiram os conhecimentos acerca da existência e modos de ser do diabo a partir de frases colhidas de histórias de assombração, depois procedeu-se à leitura e análise dos cordéis: “A sogra que enganou o diabo”, de Leandro Gomes de Barros, “A

chegada de Lampião ao inferno”, de José Pacheco e “A luta entre Deus e o Diabo”, de Maria Lensol, discutindo como o diabo é representado pelo poeta. Em seguida, foi lido o cordel midiático “Cordel da criação de Temer por Satanás”. Por último, foram trazidos outros cordéis sobre o diabo em forma de dramatizações, desafios, cantos. Nesse processo, observou-se que, à medida que os alunos se tornavam sujeitos ativos do processo ensino-aprendizagem, os conhecimentos ganhavam maiores significações, com ampliação de relatos sobre o tema.

A Literatura de Cordel como recurso de leitura

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1988), a literatura de cordel apresenta uma boa adequação para o trabalho com a linguagem, uma vez que esse gênero constitui-se numa fonte rica de vestígios das relações humanas dentro de determinado tempo e contexto histórico-social. Todavia, o que se percebe é que mediante as várias dificuldades encontradas no contexto da escola, a literatura de extração popular, praticamente, não é trabalhada, ou quando muito é utilizada de forma pragmática, pois muitos professores não dão importância a esse tipo de expressão. Isto ocorre, na maioria dos casos, ou pelo desconhecimento do seu conteúdo ontológico ou pelo despreparo do professor para trabalhar de forma adequada os conteúdos por ele abordados. No entanto, o professor e pesquisador Pinheiro (2011, p. 38) ressalta que:

se a literatura de cordel traz uma vivência peculiar de determinados grupos sociais, se traz questões humanas que interessam não apenas um grupo a que esteve ligado em seu nascedouro, certamente ela poderá ter um significado para outros leitores, uma vez que apresenta uma experiência humana de pessoas simples, mas nem por isso desprovidas de vivências interiores, da percepção muitas vezes aguda sobre a condição humana, sobre determinadas instituições ou sobre fenômenos da natureza.

Dialogando com Pinheiro (2011) podemos perceber que a literatura de cordel transmite a expressividade da cultura popular, por meio de suas linguagens, discursos e múltiplas vozes, adequando-se, perfeitamente, ao exercício da leitura com adolescentes e jovens na sala de aula, pois como bem afirma o autor “o jovem adolescente precisa ter uma experiência de leitura prazerosa e significativa” posto que este “precisa ser reconhecido e valorizado em suas vivências de mundo e de modo como projeta estas vivências na leitura que realiza” (PINHEIRO, 2001,p.22). Mais que uma expressão regional da cultura, os

folhetos revelam os preconceitos, os valores ou as rupturas com estes, o misticismo religioso e as necessidades humanas que justificam a carnavalização de elementos sociais ou religiosos.

Ainda segundo esse pesquisador, o espaço escolar é um “espaço bastante adequado para a vivência de leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral” (PINHEIRO, 2011, p.41). Nesse sentido, o cordel propõe o trabalho com a oralidade, uma vez que dela se originou e nela está embasada. Daí a importância de o professor, em situações de ensino, buscar diversas maneiras de oralizar e até encenar os cordéis, pois a partir dessa metodologia o discente poderá não apenas sentir o prazer através das rimas, estrofes e versos que compõem os cordéis, mas também compreender a dimensão da própria cultura ou refletir sobre os conteúdos que compõem as práticas sociais.

Segundo Marinho e Pinheiro (2012, p. 127), ao trabalhar o cordel em sala de aula, o professor tem que estar ciente de que é “sempre bom sondar o horizonte de expectativa de nossos leitores: de que gostam? Quais seus interesses mais imediatos? Como encaram experiências diferentes das suas? Que experiências culturais lhe são mais determinantes?”. Feita essa investigação, o professor partirá do horizonte de expectativas dos alunos, que será conhecido a partir dessa investigação, dessa observação”. Logo, o trabalho com o cordel propiciará ao discente uma importante interlocução com a sociedade, refletindo sobre as a condição de vida do homem dentro de um feixe de concepções históricas e culturais.

Pinheiro (2011, p.38) afirma que a literatura de cordel apresenta “uma vivência peculiar de determinados grupos sociais [...] uma experiência humana de pessoas simples, mas nem por isso desprovidas de vivências interiores, da percepção muitas vezes aguda sobre a condição humana”.

O cordel na sala de aula: uma experiência de leitura significativa a partir do Método Recepcional e do exercício das múltiplas linguagens

Como mencionamos anteriormente, a presente experiência de leitura com o gênero “cordel”, deu-se a partir do Método Recepcional em turmas de 9º ano, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio André Gadelha e antes mesmo de começarmos a aplicar a oficina de leitura, percebemos que muitos alunos não eram estimulados a essa prática e

muitos, inclusive, diziam que não gostavam de ler textos literários. Todavia, ao fazer uma sondagem sobre a turma, decidimos que iríamos trabalhar o gênero “Cordel” como forma de estimulá-los (as) a essa prática e, dentro desse universo, optamos também, por trabalhar folhetos que trouxessem a figura do Diabo, elemento que desperta curiosidade ou medo.

Seguimos, teoricamente, o passo a passo da proposta sugerida por Aguiar e Bordini, a qual é desenvolvida mediante cinco passos: Sondagem dos horizontes de expectativas; Atendimento aos horizontes de expectativas; Ruptura dos horizontes de expectativas; Questionamento dos horizontes de expectativas e Ampliação dos horizontes de expectativas.

Para sondar o horizonte de expectativa dos discentes, decidimos fazer um bate-papo com a turma sobre o gênero que iríamos trabalhar. Inicialmente, perguntamos aos discentes se eles já sabiam ou conheciam algo sobre o cordel, o que para a nossa surpresa foi muito bom, pois todos já tinham tido contato com esse gênero em anos anteriores. Além disso, perguntamos se eles conheciam algum cordelista, se na família deles tinham alguém que escrevia cordel, se leram algum cordel de Leandro Gomes de Barros, de José Pacheco e de Maria Lensol, quais eram as expectativas em relação a este gênero. O diálogo foi bastante produtivo, pois passamos a conhecer um pouco sobre a turma. Dentre os muitos que estavam lá, alguns relataram que até gostavam de ler cordéis, outros que não conseguiam entender, que a leitura era chata, enfadonha e que preferiam assistir a séries, filmes ao invés de ler esse tipo de leitura. Constatamos também, que a maioria dessa turma tinha dificuldade em interpretar textos e que muitos alunos estavam desestimulados. Além disso, grande parte da turma já tinha lido um ou outro cordel de Leandro Gomes de Barros, todavia, ambos não conheciam os cordéis ou tinham ouvido falar de José Pacheco e Maria Lensol.

Feita a sondagem, partimos para o atendimento ao horizonte de expectativa do leitor. Nessa segunda etapa, preparamos uns slides sobre os cordelistas que iríamos trabalhar e apresentamos alguns vídeos sobre eles. Após esse momento, pedimos a turma que ficasse em círculo e entregamos o primeiro cordel, “ A sogra que enganou o diabo”, de Leandro Gomes de Barros, o que provocou de imediato a seguinte indagação por parte de alguns alunos: “- E vamos ler cordéis que falam de diabo?”, “- Não tinha outro cordel para ser abordado?”. Eles também chegaram a questionar o porquê de estarmos trabalhando o cordel sobre o diabo, o que nos motivou mais ainda, pois percebemos o receio que tanto os alunos, bem como, a sociedade possuem ao falar da figura do diabo e que essa experiêncianos renderia bons frutos. Os discentes fizeram a primeira leitura em silêncio,

depois, foram convidados a fazerem a leitura oral, pois como bem afirma Pinheiro (2018, p.109), “a leitura oral dos folhetos é imprescindível”. Quando lançamos a proposta para lermos os cordéis oralmente, muitos alunos se recusaram, todavia, um aluno levantou a mão e disse que faria a leitura. E assim, fizemos com todos os outros dois: “A chegada de Lampião ao inferno”, de José Pacheco e “A luta entre Deus e o Diabo”, de Maria Lensol.

Dando continuidade a proposta de Bordini, partimos para a ruptura do horizonte de expectativa. Nessa etapa discutimos um pouco sobre os cordéis lidos e, em seguida, fizemos uma comparação da figura do diabo entre ambos os cordéis, inserindo a leitura do “Cordel da criação de Temer por Satanás”, no qual a maldade humana supera a posição mística desse anjo caído. Isso rendeu uma discussão bastante proveitosa, questionando-se o fato de, em certos momentos ele perder a força mística que alimenta o medo dos cristãos.

Concluída a etapa anterior, seguimos para o próximo momento, correspondente aos questionamentos dos horizontes de expectativas. Nesse momento, lançamos as seguintes perguntas aos discentes: Como o diabo é visto após as leituras realizadas? Como se configura a figura do diabo em cada cordel apresentado? De que forma, o diabo pode ser visto pelo meio social? Por que os autores sempre buscam ligar o diabo a um fato ou a uma pessoa considerada má ou ruim? Vale salientar que no decorrer de cada etapa os alunos se envolviam cada vez mais.

Chegada à última etapa, a ampliação do horizonte de expectativa, convidamos os alunos a se dividirem em grupos para, em seguida, produzirem um cordel com a temática que quisessem. Todos participaram da proposta e exercitaram a escrita com a mediação do professor. Concluídas as produções, fizemos também uma oficina de xilogravura, a fim de que os alunos pudessem compreender essa arte e fazer a capa do seu cordel. Também convidamos um cordelista da comunidade para declamar os conteúdos de seus cordéis.

Nas aulas, as equipes formadas pelos alunos puderam ler cordéis diversos, tentar expressar-se por meio de versos e fazer xilogravuras. A experiência foi tão significativa, que decidimos num determinado evento da escola, fazer a encenação do cordel, “A Chegada de Lampião ao Inferno,” dando destaque para os principais personagens da obra, que seria o Lampião e o diabo, confrontando os dois e apresentado suas características malignas e a forma física atribuída pela cultura. Nesse pressuposto, vimos como e o porquê da chegada de lampião ao inferno e o que aconteceu com a sua chegada.

Enfim, pode-se dizer que a experiência com o cordel, realizada na referida escola foi bastante exitosa, pois conseguimos despertar não apenas o gosto pela leitura desses cordéis, mas também ampliar essa leitura para outras artes, como por exemplo, a encenação, ao

trabalho com xilogravuras. Além disso, a partir da metodologia aplicada, muitos alunos que estavam desestimulados começaram a rever, a partir dessa mediação, o texto literário com outros olhares.

Resultados/discussão teórica

A experiência de leitura com os cordéis foi bastante proveitosa, uma vez que muitos alunos se envolveram, participaram e produziram textos bastante significativos. Deste modo, a partir das mediações feitas em sala de aula com os cordéis escolhidos e as leituras oralizadas foi possível perceber não só a curiosidade dos alunos em relação à figura do diabo diante às características a ele estabelecidas pela cultura, bem como, os medos que sustentam a figuração caricata deste.

Vale ressaltar que a presente experiência de leitura contribuiu para a desconstrução da figura caricata do demônio, bem como, as diferentes atmosferas que envolveram as produções estéticas da literatura brasileira, ajudando-nos a perceber os sentidos que decorrem dessa figura em cada texto analisado.

Além disso, o experimento nos permitiu visualizar o quanto é importante o professor buscar uma metodologia dialógica entre texto, leitor e mediador capaz de propiciar aos discentes uma experiência leitora significativa, que favoreça o encontro individual ou coletivo com as obras a serem trabalhadas no espaço escolar, pois como nos lembra Cosson (2006, p.17), a literatura precisa cumprir seu papel humanizador, pois, é por “possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas” e o professor, na condição de mediador do conhecimento deve ser o grande responsável por conduzir o aluno/leitor ao letramento literário ou a esse processo contínuo de formação leitora.

Considerações Finais

O resultado dessa experiência revela-nos o quanto é importante uma prática significativa de leitura por meio das relações com outras formas de arte, utilizadas como mediação entre o conhecimento e a cultura, contribuindo para a formação do aluno enquanto sujeito-leitor.

A partir dos cordéis trabalhados na sala de aula pudemos não apenas realizar a leitura de forma prazerosa, mas também analisar e entender através dos folhetos lidos como o diabo se apresenta na configuração estética literária popular e sua metamorfose para a expressão das fraquezas humanas. Em muitos casos ele evidencia características próprias dos seres humanos, como por exemplo, a figura da sogra, que é tida na nossa sociedade como uma pessoa muitas vezes ruim, sem coração; a figura de Lampião, um homem que fora um cangaceiro e que matava muitas pessoas; um político rejeitado por suas ações que oprimem o povo, surgindo como uma necessidade do imaginário como um ser a quem se coloca a culpa de todos os males praticados pelos indivíduos na sociedade e que, na maioria das vezes, provoca medo.

O trabalho com os folhetos de cordel oportunizou aos alunos uma experiência riquíssima, capaz de mudar não apenas a percepção dos discentes em relação à aversão deles pelo texto literário, mas também, de se tornarem protagonistas dessa vivência literária, de serem sujeitos críticos de si mesmos e de sua cultura. Como afirma Pétit (2008, p.43), “se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade... É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma”. Assim ao ver-se como seres capazes de interagir com o texto e agregar as próprias experiências ao universo de expressões escritas, esses alunos, que outrora tinham aversão ao texto literário foram contagiados pela literatura de cordel e descobriram um dos muitos caminhos que nos fazem matar a sede junto ao alguidar das palavras escritas.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: A formação do leitor alternativas metodológicas**. 2ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARINHO, Ana Cristina, PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.
- RUSSELL, J. B. **Lúcifer: o diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras, 2003.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F.. **O Diabo no imaginário cristão**. São Paulo: ÁTICA, 1986.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**/Michèle Petit; tradução de Celina Olga de Souza- São Paulo:Ed. 34,2008.
- PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 3.ed. ver. ampl. Campina Grande: Bagagem, 2007.
- PINHEIRO, Hélder. Ensino e Pesquisa em Literatura de Cordel: A experiência do POSLE-UFCG In: PINTO, Francisco Neto Pereira; MELO, Márcio Araujo de(Org) **Panorama Contemporâneo das Pesquisas em Ensino da Literatura**. Campina Grande: EDUFCG, 2016. Disponível em: http://www.academia.edu/30588146/panorama_contempor%C3%A2neo_das_pesquisas_e_m_Ensino_de_Literatura.pdf.
- RUSSELL, J. B. **Lúcifer: o diabo na Idade Média**. São Paulo: Madras, 2003.
- STANFORD, P. **O Diabo: uma biografia**. Rio de Janeiro:Gryphus, 2003.http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/TRABALHO_EV043_MD1_SA9_ID651_31072015231316.pdf. Acesso em:08/09/2018.